

LUKE NEGREIROS

NO OLHO DA ILHA

No limite da insanidade

se encontra

o sacrifício final



*possivelmente a maior descoberta
do terror nacional...*

MATERIAL PROMOCIONAL - VENDA PROIBIDA



ALGOR MORTIS

(ál'gər môr'tīs) frio ou rigor; frieza.

1. esfriamento do cadáver - redução linear da temperatura da pele que ocorre após a morte (1.0 °C a 1.5 °C por hora).
2. Segundo estágio da morte, precedido por Pallor mortis e antecede o Algor mortis, Rigor mortis, Livor mortis, Putrefação, Decomposição e Esqueletização.

⌘ LATIM **ALGOR** = frio | **MORTIS** = morte

Quadro negro com uma figura geométrica no centro (ver documento) //

[não precisa desenhar isso]

PAGE [1]

[Título e créditos]

PAGE [2]

[definição do dicionário]

PAGE [3]

Só texto [escrever texto urgente]:

...e eu me tornei ele. Assombrado com o frio da floresta. Com olhos fechados, as gotas do orvalho caíam sobre minha pele. Uma de cada vez. Todas elas. A lama afundava meus pés, num gélido aroma putrefato de insetos. Eu poderia dizer os nomes de cada um deles, se eu quisesse.

Eu poderia ouvi-los se eu quisesse, mas essa nota surda e grave entoava por todos os lados. Uma vibração que me tirava o equilíbrio. Mas eu também era aquele som. Tudo ao meu redor pulsava. A mais sutil oscilação de cada coisa chegava até mim, até que eu me tornasse cada coisa.

Eu era cada galho, cada casca ungida de piche. Com aquele gosto asqueroso no fundo da garganta. E eu caía em folhas. E incontáveis pinhos secos. Eu era uma luz que preenchia o lugar, inundava cada brecha, numa eterna briga com a escuridão.

Ou seria eu a escuridão?

PAGE [4]

PANEL [1] - EXT. DEQUE - DIA

A imagem ocupa toda a largura da página. O nosso [protagonista] está de costas sobre um deque/pier abandonado. Ele está olhando para frente perdido em seus pensamentos. Esse deque dá para o mar aberto e não vemos o horizonte por causa da neblina.

NARRADOR (em off)

Aqueles gritos abafados agora são meus. A dor de cada lâmina.
O fogo que cauteriza minha carne. Eu tinha sangue nas mãos
e a esperança cada vez mais desfocada.

NARRADOR (em off)

(cont.) Quando alguém morre por extrema violência, uma
força poderosa é deixada para trás.

(cont.) Penetrando em tudo o que toca.

**E assim, me foi reservado o
verdadeiro significado da
palavra terror.**

**porque naquele
dia eu morri pela
terceira vez!**

PAGE [5]

PANEL [1 e 2] EXT. ILHA - FIM DE TARDE

Ele caminha pela ilha; por uma estrada de terra batida, cercas e casebres simples dos moradores da ilha (roupas no varal, cachorro magro, cercas quebradas telhas no chão...). O pacote completo!

PANEL 3

Ele se aproxima de uma ruela. Um corredor apertado com marcas de pneus, sacos de lixo, com o terreno lamacento. Tudo é muito sujo, abandonado numa total desolação.

PANEL 4

Ele inclina a cabeça como quem está espiando alguma coisa...

PANEL 5 e 6

Ele se aproxima e espia uma mulher/idoso no quintal de um casebre. O casebre tb é velho com remendos de madeira, latrinas e pneus espalhados. Ela tem uma galinha na mão, segurando pelo pescoço.

PANEL 7

Em enquadramento próximo à velha. Ela está olhando para baixo, onde está segurando a galinha...

PAGE [2]

PANEL [1] EXT. SÃO PAULO - FIM DE TARDE

Uma splash page para mostrar uma visão ampla e panorâmica da cidade de São Paulo. É fim de tarde e o horizonte já mostra uma cor avermelhada.

NARRADOR (em off)

Essa não é mais uma daquelas histórias cheias de reviravoltas alucinantes e perseguições policiais. Sim, é verdade; eu trabalho para eles...

Mas isso não impor...

Merda!

...e eu me tornei ele. Assombrado com o frio insistente da ilha. Nossa como era frio!

Meus pés afundavam na lama.

Poderia ouvir os insetos debaixo de toda aquela sujeira, se quisesse. Caçoando de mim. Um estranho prestes a descobrir os mistérios daquelas terras lamacentas. O pântano que se formava entre o arenoso do verão e o úmido do inverno. Havia uma vibração que me tirava o equilíbrio. Um prenúncio do mal que residia naqueles casebres apinhados de estacas para não afundarem. Mas eu também era aquele som. Tudo ao meu redor pulsava. A mais sutil oscilação de cada coisa chegava até mim, até que eu me tornasse *cada coisa*.

Eu era o galho também, a casca ungida de matéria orgânica com aquele gosto acre no fundo da garganta. E eu caía em folhas. E incontáveis pinhos secos. Eu era a luz que preenchia o lugar e inundava cada brecha numa eterna briga contra a escuridão.

Com os pés fincados na ilha, escutava os borbulhinhos de ar saindo pelo meu solado. O barro chiava ao menor movimento. Não me recordo de ter visto um barro tão escuro como aquele. A massa de piche era moldada por rastros de pneus misturados com centenas de pegadas que iam e vinham na direção das balsas. Era logo ali, no acesso principal.

Meu bolso vibrou.

Uma trepidação que me tirou do sono acordado. Não era para a minha roupa vibrar! Apalpei meu casaco militar surrado na altura do ventre. Levei um segundo ou mais para achar o celular. Não era o meu celular principal, mas era o único que eu trouxe e assim, o único meio de contato com meus editores. O aparelho *flip*, daqueles vagabundos com display piscando em azul, indicava uma mensagem recebida.

Tinha certeza que havia deixado ele no hotel, abandonado por um engano accidental sobre a roupa de cama. Com promessas de pega-lo na volta para o

continente. Seria o álibi perfeito para o isolamento dos próximos dias. Bastava uma desculpa e meus editores o localizariam no hotel. Na caixa de achados e perdidos. Mas não! Ele tinha que viajar comigo.

Tirei a bateria e a sua alma azul cintilante se apagou. Abri o *flip* e torci seu pescoço de calopsita que defeca sobre seu sofá por vinte anos seguidos. Estalou. A bateria caiu no barro e tive dificuldades para limpá-lo de imediato. Por fim, coloquei todos os pedaços no bolso enrolados no único lenço que tinha. Não poderia haver indícios da minha passagem por ali.

— Ei, senhor! A balsa vai sair! — Gritaram em minha direção. Fingi que não era comigo. Era o mesmo funcionário que me viu entregando as chaves do carro alugado para serem penduradas na guarita. Foi o que fiz há poucos minutos, então... porquê me chama?!

Foi um guardinha que pendurou a chave, empilhou minhas coisas e guardou outras num gaveteiro qualquer. Assinei uma folha, recolhi minha mala, a máquina de escrever compacta e ali estou. Encarando o píer abarrotado de pessoas andando no fluxo contrário ao meu.

Eu não estava de saída. Acabara de chegar. Portanto, ele não poderia me chamar! ...*a balsa vai sair!*

O lugar é bonito, devo confessar. A áurea gélida e azulada me conquistou de imediato. O ar fresco era algo para se tomar nota, queimando as narinas pelas laterais. Meus olhos pesaram com uma vontade súbita de dormir ali mesmo. Escorado no cruzamento entre o centrinho turístico comercial e as pousadas mais afastadas; e caras também!

— Senhor Antonin?! — Uma voz caipira, monotônica e servil me abordou. Passei a achar que era típico do local te interromperem em meios aos devaneios que a natureza entorpecia...

— Senhor?!

— Sim, sou eu! — Era um homem baixo, heterossexual, branco, com leve curvatura em direção ao chão, supus um senhor de certa idade.

— Olá senhor, sou Igor...

Ri em silêncio. Nada mais apropriado.

— ...Levarei sua bagagem para a pousada. Tudo já foi acertado com o Sr...

— Sim, está tudo acertado. Cuidado com essa máquina!

— Está bem, levarei para lá. Tome aqui as chaves... e os *telefone* foram desligado, como pediu.

— Os aparelhos foram retirados?

— Sim, como ped...

— E não há mais ninguém hospedado, certo?

— Ninguém! Nem o proprietário, nem eu...

— Ótimo, Igor. Irei mais tarde, obrigado. — Completando a frase em meus pensamentos: *quero sentir um pouco mais dessa atmosfera podre.*

Caminhava. Até entrar por um corredor natural, em meio aos caminhos tortuosos na entrada da ilha. Avistei um chafariz de cimento sobre uma bifurcação de duas ruelas. A peça era pequena e não expelia água há muito tempo. Ela marcava o acesso ao píer com as balsas oscilantes de um lado, junto aos guichês do outro. O restante da ilha era lamacenta, cheia de trilhas e ruelas vazias. Poucas construções encostavam umas nas outras. Elas se alternavam entre bares, depósitos, garagens improvisadas e casebres abandonados com a madeira se desfazendo pelas beiradas.

O atalho que entrei era estreito nas pontas e alargava mais ao centro. Formando uma concha se visto de cima. Havia entulho para todos os lados. Pneus enterrados pela metade e lixo boiando entre poças e caixotes estocando água. Em poucos passos, me via escavando os indícios de uma pequena comunidade; um arqueólogo em terras desconhecidas. Poderia escrever sobre postes tortos espalhados pelo chão instável, muretas oscilantes acompanhando as marés e janelas de madeira ao vento abrindo e fechando por vontade própria.

Não havia ninguém. Todos, ou quase todos, estavam a caminho das balsas.

Ouvi um eco de metal. Uma batida oca de aço contra uma estaca de madeira.

Caminhei em silêncio e apreensivo. Senti-me um intruso, um usurpador de privacidades vis como todo bom e velho escritor.

As estacadas eram ritmadas, demonstrando uma habilidade suprema.

Virei na esquina de uma parede de estuque e madeira empilhada para dar de encontro com uma galinha correndo as cegas pelo cercado. Era um quintal meio ao natural, meio que compartilhado. Com cercas baixas de uma sequência desordenada. O suficiente para conter uma galinha abobalhada, sem cabeça que batia contra as estacas. A cada trombada, um pequeno esguicho de óleo escuro e doce subia pelas entranhas do pescoço, manchando a sujeira com o líquido negro jorrado direto das artérias.

Uma mulher velha, viúva, heterossexual e branca segurava um cutelo na altura do rosto. No início do seu próximo movimento. Entremeada entre roupas no varal e uma ventania conveniente para o local, ela me olhou de esgar e voltou para a tarefa que lhe foi confiada.

Continuei a caminhada para fora daquele túnel de mata fechada, em direção a uma elevação do lado oposto. Espiei mais uma vez para o quintal as minhas costas, mas não havia mais ninguém ali. Sem velha, sem corpo, nem cabeça de galinha.

Subi em um degrau de pedra natural e me virei para o mar. Vislumbrei seu limite de água por todo o horizonte cinza. À esquerda, parte do continente dormia às costas de um gigante distante. Uma chuva torrencial caía bem ao fundo, no limite do próprio planeta, nas beiradas do abismo infernal.

Fiquei por algum tempo ali, me deixando levar pelo torpor, sentindo cada lufada de vento gelado até que minha nuca queimou.

Voltei minha atenção para o montante elevado que unia a ilha com o continente. Uma rocha se erguia como um dedo titânico, cercado de um arvoredo escuro, sobrevoando em espirais, as maritacas fugiam de abutres. Ao menos era o que parecia! Mas o dedo estava ali, em riste. Apontado para o alto. Dançando sobre as águas como uma rocha que se afastava da ilha. O *dedo de Deus* era apenas um de vários, enfileirados numa sequência correta demais para ser natural; contornando a beirada e saindo pelo outro lado da ilha. De onde estava não era possível avistar toda a sua extensão. Para isso, seria preciso con-

tornar o mar pelo litoral até chegar no lado escondido pela formação rochosa, coberto por uma mata ciliar abundante. Me disseram que uma rocha tinha o formato de sino! Fiquei curioso na época, mas agora não muito. Devia ser algo como olhar para nuvens e tentar encontrar uma forma reconhecível. Um padrão aleatório, uma piscadela do divino.

Minha nuca voltou a me alertar, eriçando os micro-pêlos e seus terminais nervosos próximos à base da coluna vertebral. Havia uma presença que me chamava; insistente. Ou curiosa, talvez... Segurei meu desejo e olhei para o chão com uma leve pontada de cabeça. Sabia que ela me olhava e tal com eu, também sabia... ambos sabíamos, apesar de ninguém confessar o que esperava um do outro.

Olhei, pela última vez naquele dia, para a formação rochosa e percebi que ela havia se deslocado para o lado. Alguns poucos centímetros. Um deslocamento que levantou espumas de águas salgadas.

Então era isso.

A ilha vive!

* * *

Voltei por uma via barrenta. Dei conta dos primeiros habitantes que não subiram na balsa. Os moradores que se negavam a sair da ilha no período de isolamento. Oito dias fechados para o continente, para o mundo. Todos os meses eram assim.

Caminhei por entre os casebres e instalações comerciais que se misturavam com outros casebres. Era difícil delimitar quando um acabava e o outro começava. Pareciam mais compartilhar muros, paredes e vidas inteiras numa simbiose de corpo e alma. As galinhas deveriam se unir também em uma sinfonia de cacarejo e penas. A primeira janela aberta, logo foi preenchida por uma mulher, branca, com poucos dentes e cortada por uma sombra reta e dura. Ela me ignorou e bateu as tábuas de madeira que se fecharam num estrondo mal-humorado.

Não fosse uma, mas duas e três janelas se fecharam na sequência. Senti-me no meio de uma escola para pequenos infratores, com professores e colegas desconfiados do novo aluno. Do que ele seria capaz? Em quais confusões ele vai nos meter? Será que vai transformar nossas vidas marrentas e cheia de pesar?!

Eu era estrangeiro numa terra única. Isolada de um continente que não exercia mais sua influência. Eu era o calço, o elo entre dois mundos e estava prestes a sentir o cheiro da morte para todos os lados que eu apontasse.

Lancei meu primeiro livro como independente. Em formato digital apenas e não fui muito bem. Mas não me importei de início. Enfrentei problemas com as famílias das pessoas envolvidas no projeto e fiquei fora do radar por um tempo. Até que cheguei em uma editora que arriscou o lançamento pelos motivos que não me foram esclarecidos com tanta transparência. O que não me importei afinal, o contrato era sólido.

Tive bons resultados de início e de certo modo, súbito e inesperado, acabei negociando uma produção áudio-visual para o meu material. A notícia viralizou e as vendas acompanharam as expectativas. Dei entrevistas, segui o protocolo e as promessas acompanharam os investimentos que só cresciam. Fui para *best-seller* no primeiro ano e tripliquei a tiragem e as vendas na segunda edição. Não que tenha sido grande coisa, afinal no Brasil, um país que não se lê, para se tornar *best-seller* basta vender quinze mil cópias.

Não me entenda mau. Não estou reclamando. Para um primeiro livro isso é bom. Mas quinze mil cópias?! Comparadas às pré-vendas de um eterno King, é risível. Mesmo uma reimpressão de nicho como um Arthur Machen, Algernon Blackwood, William H. Hodgson ou um Clark Ashton Smith podem atingir uma marca dessas.

De qualquer modo, gozava a onda com um sorriso irônico de falsa simpatia diante dos elogios.

Eu vivia na encruzilhada de um terreiro, tocando jazz com dedos longos, acompanhado do demônio como platéia. Pois, era isso: estava barganhando

com o diabo e disposto a sacrificar sobre quem eu era de verdade para conquistar meu maior sonho. Afinal, todos nós temos sonhos e desejos. Mas é a busca e a conquista, o modo como alcançamos tais sonhos que nos revelam, nos dizem quem realmente somos; é a nossa verdade; expõe nossos valores; o nosso caráter! Em alguns aspectos não somos tão complexos e de difícil compreensão: comprovado pelo senso-comum, temos o costume de nos apoiar naquilo que queremos, justificando nossas ações através daquilo que fazemos.

É assim que o universo se mantém em equilíbrio, um balanço tênue entre o que devemos oferecer para que possamos pegar algo em troca.

Não se pode exigir alguma coisa sem antes oferecer um *sacrifício*. Partindo dessa premissa para a vida, o mesmo não seria com a morte?!

Há vários tipos de sacrifícios, desde oferendas de animais para divindades homenageadas. Existe também o sacrifício que é a privação e o abandono de coisa digna de apreço. Um ato inspirado por um sentimento enérgico e vigoroso de amor. Um ato como esse deve conter um sério fator emocional, uma oferta daquilo que mais lhe afeiçoa. Quanto maior o sacrifício, maior a recompensa. E essa oferenda deve ocorrer antes de requerer qualquer coisa. Essa é uma das extensões do próprio dogma religioso ou mesmo das suplicas por qualquer coisa; e rezas por intervenções divinas contra as leis naturais do universo.

Pois bem! Então me diga: O que você estaria disposto a sacrificar para realizar seu maior sonho? Horas de sono? Dinheiro? Um amigo, um ente em estado terminal? A própria sanidade?! E mesmo assim, seria o suficiente? E o que me diz da maior barganha que todo ser ancestral demoníaco venera, o protegido pela lei divina do livre-arbítrio, o flagelo da cobiça, a única coisa que os seres humanos ainda suscitam em ambição: a nossa alma?

Pense no seu mais profundo desejo ordinário e responda com toda a sinceridade: O que você tem para oferecer?



Cheguei na pousada. Fiz uma breve caminhada por uma subida que me tirou o fôlego de uma vida na cidade, seguido por um declive que parecia descer para baixo da linha do mar. Avistei a pousada com o mesmo acabamento em madeira que havia na foto das reservas pela internet. Revestimento de madeira escura, cercada por janelas de vidros por toda a parte, aquelas que vão até o chão e são emborrachadas no topo para evitar a dilatação do frio e do calor provocando explosões em estilhaços por todo o salão. Contornando a paisagem, haviam belos pinheiros pontudos e imóveis que pareciam me encarar, desconfiados. Eles cercavam a pousada e estranhamente a protegia, com as pontas vergadas para um centro imaginário no alto. Bem no alto mesmo! Além do zênite. Formando uma antena planetária, daquelas que atraí animais por caminhos invisíveis em campos magnéticos.

Era isso! Atração! Senti-me atraído logo de cara. Não uma atração confortável devo confessar. Continuava com a sensação de ser observado, mas não havia ninguém atrás de mim. Talvez fossem as sombras das diversas pessoas que passaram por aquele local em época de alta temporada.

Entorpecido pela novidade, fiquei encarando a instalação bucólica e acolhedora que contaminava tudo à minha volta.

Não que tudo ou *todos* fossem flores! As reações sinistras dos poucos moradores que me deparei a caminho do meu retiro eram dignas. *Forças ocultas me observavam*. Tomaria nota mais tarde.

De frente para a pousada, encarei minha morada para os próximos dias. Estava prestes a entrar pela caverna que me mostraria muito além das sombras projetadas ante a lareira da recepção. A luz do conhecimento sempre projeta sombras nas paredes, não importa o canto em que se posicione. Sempre haverá sombras!

Entreí no hall principal. O eco denunciava a ausência de qualquer inquilino. Era perfeito. Forcei-me para não sorrir. Verifiquei as malas na entrada e me dirigi para os fundos até as primeiras portas dos quartos no final do corredor.

— *Nada como uma pousada fora de temporada!* — O átrio central havia sido esvaziado. Não havia almofadas ou mesmo objetos decorativos, ou vasos floridos. Era um abandono calculado. Para manter vândalos afastados, imagino. — *Entendo!* — Só espero que a menção da biblioteca de história natural e os documentos históricos da região sejam verdadeiros. Afinal, foi fator decisivo na escolha daquele lugar.

Arrastei as malas. Peguei uma carta na recepção direcionada a mim; Antonin Blake em letras maiúsculas.

Eram saudações do gerente em nome de toda a família que dirigia o local. Algumas orientações com o sistema de aquecimento central, cozinha e quartos. Molho de chaves etiquetadas. Eram linhas gerais seguidas de mais agradecimentos e saudações. — *Simpático!* — Mas não deixei de reparar que algumas coisas não foram atendidas. Negligenciadas ou tomadas como não-importantes. Eram detalhes para o meu ambiente de trabalho. As tomadas de três pontas estavam corretas, o mezanino com impressora ou multi-funcional não, adaptadores, estiletes e grampeadores, caixas de papelão. Também não! De qualquer forma, não esperava ter que trazer essas coisas. São coisas que me ajudam... enfim! Pessoas não mudam, mesmo!

Improvisei com uma mesa pesadíssima de madeira de demolição. Sem piedade do assoalho, arrastei para perto de uma janela extensa, uma parede de vidro panorâmica, com vista para o que parecia um vidro negro imóvel que exalava névoas de vapor espaçadas aqui e ali. Era um lago escuro. A superfície refletia as nuvens cinzas. E jazia. Morto com a ausência de marola nas bordas. Mesmo as pedras das laterais, dormiam em suas águas geladas e narcóticas.

No horizonte, por sobre um manto verde-escuro, reconheci a formação rochosa que rodeava a ilha. Diversas pontas de rocha cinza-azuladas suspensas que pareciam flutuar sobre as águas do mar, cercando a ilha pela parte de trás. Imaginei como aquela formação seria uma fortaleza natural, com ondas fortes vindas do mar aberto, derrubando embarcações de piratas e invasores durante milênios. — *Que mistérios aquelas profundezas nos escondem?*

Posicionei a mesa, abri as maletas, estiquei os fios e preparei minha máquina de escrever; eu tinha um laptop discreto, potente o suficiente para um editor de texto mais profissional caso escolhesse e dicionários instalados localmente. Mas sempre dei preferência pelas palavras prensadas no papel. Preciosismo bobo, claro!

Na mala maior, além de roupas, distribui minha pequena coleção de livros usados com aquilo que eu chamo de *contaminação*. Esse é o meu método de escrita. A medida que escrevo, vou lendo alguns clássicos para que possa me sentir *infectado* pela escrita desses autores. Não digo que é um pastiche, ou mesmo cópia. Não é isso! É só uma espécie de contaminação mesmo. Não tenho palavra que melhor expresse isso. Procuro nessas obras a estilística que eu queira impregnar em minha própria obra. A escolha de palavras, as construções sintáticas, repertório de frases e até mesmo diálogos.

Sabe quando se lê um Graciliano Ramos em “Vidas Secas” e sentimos o sotaque nordestino na voz do narrador? É mais ou menos isso, só que não estou falando de preás ou cachorras com nome de animais marinhos. Estou falando de algo muito mais sombrio, porém, não menos real. Se um Hemingway refletia em sua escrita o terror da guerra quando foi combatente, depois na caça ou na pescaria em alto-mar; e um Graciliano Ramos no auge do regionalismo como um modernista alagoano sendo moldado pela própria história, eu também tinha minhas particularidades para escrever aquilo que estava *dentro* de mim.

Deixo-me levar por essas influências, cientes de suas particularidades, para conquistar uma verdade só minha. Regada a uma escolha precisa das palavras. Não, regada não! *Imbuída por uma escolha precisa das palavras*. Melhor!

Sentei em meu novo escritório, mas decidi não escrever nada por enquanto. Ainda tenho coisas para fazer. Uma delas é definir *o quê* escrever de fato! Tenho *algumas ideias*, claro! Todos sempre têm alguma ideia, mas não estou convencido de nada.

O que sei é, como havia mencionado, o sucesso inicial do meu primeiro livro gerou o interesse por um possível filme, depois esse interesse migrou

para uma série de tv. O que gerou mais vendas. Mas por problemas de adaptação, possível roi e a insegurança com obras de gênero, o projeto foi cancelado. Usando a gíria da própria tv: *foi pra geladeira*.

O que era áudio-visual, foi parar em um projeto de quadrinhos. Como aquele consolo de roteiristas de cinema que, na ausência de uma indústria de fato, direciona seus esforços em roteiros de quadrinhos. E foi assim que Alexandre Nero passou de cotação para o elenco e terminou como uma referência visual para o desenhista. A ideia era usar sua imagem, ter o seu rosto emprestado, e assim manter o investimento com as devidas proporções ao meio de difusão, claro! Que por motivos óbvios, inviabilizou tudo.

Confesso que exorcizei muita gente e voltei ao início das minhas intenções: meu segundo o livro. Existe uma tentativa de uma produtora em retomar uma adaptação, porém para esse livro em particular, que estou por escrever, e não o primeiro. Mas não me sinto obrigado a escrever como-se-fosse-filme. Como aqueles livros visuais que recebem elogios só por serem *filmáveis*.

Que se fodam! Como um bom haikai, onde os desavisados o chamam de poesia curta, pretendo escrever uma obra contida nela mesma. Nem mais, nem menos. Não é uma questão de tamanho e sim de *justo*, no sentido de precisão e exatidão.

Pois, que seja isso, vou escrever o justo. Sem perder de vista o que me motivou: quando decide escreve-la, voltei a sonhar.

Um sonho diferente é verdade; pois não admito outro resultado que não superar meu primeiro livro! E nada melhor para atizar a imaginação do que a melhor técnica narrativa inventada pelo homem, a tão conhecida mistura inequívoca de café com fofocas.

Voltei para o interior da ilha, seguindo a via expressa, cheia de barro e com certa desolação. Próximo à balsa, nas casas de comércio e bares, havia um café que se mantinha aberto. Passei pela calçada de pedras desalinhadas e cogitei um salão de cabeleireiro como fonte de fofocas. Sorri com a ironia de ter poucos cabelos, ralos como ouriço-do-mar. O que deixariam pistas do meu real intento. Sem mencionar o constrangimento social que não estava disposto a pagar. Portanto, me contive com o café.

Entrei ao som de um sininho. Não havia ninguém. Uma garçonete, o que me pareceu a única funcionária, limpava o balcão como se não esperasse qualquer movimento. Estranhou a minha chegada. Foi o sino que a despertou dos movimentos circulares com o pano.

— Oi!... Olá?!

Sentei-me na primeira cadeira que vi e cumprimentei com a cabeça. Ela se aproximou mastigando chiclete.

— Me desculpe... não quis interromper!

— Imagina! Não esperava ninguém por aqui! O que vai querer?

— Tem algo para se fazer... nessa ilha? — Disse.

— Como? O cardápio, você quer dizer?

Ela era bonita para a idade apesar de descuidada e sem maquiagem. Jovem, branca, queimada de sol, heterossexual e nativa-residente.

— Não, *digo* o que disse! Se tem algo para se fazer...

— Não há nada para se fazer nessa ilha! Café?!

Assenti. Ela voltou para o balcão, e depois com o bule. Despejou o líquido preto numa xícara retirada do bolso frontal do avental. Ela mostrou uma curiosidade.

— O senhor não está de saída? A última balsa já deve ter partido.

— Acabei de chegar.

— E o que te trouxe aqui? E não me diga que foi a fama do melhor café da ilha...

— Não, não foi. — Sorri. Pois era o único café da ilha! — Estou procurando um certo isolamento.

Continuei tentando.

— Estou procurando uma *epifania*.

— Sei! E foi aqui que resolveu procurar? — Acredito que ela havia piscado. Será que ela entendeu quando eu disse *epifania* e as consequências disso? Garota esperta.

— É delicado. — Concluí orgulhoso de minhas palavras. Ela desdenhou.

— Normalmente é as pessoas daqui que passam por momentos *delicados* e querem sair desse *isolamento*. E não o contrário!

Sorri. Definitivamente esperta!

Do lado de fora ainda era possível ver algumas pessoas caminharem em direção a balsa. Dessa vez, eram pessoas mais simples, de roupas mais surradas e sem malas. Pessoas de maioria mulatas, homens e mulheres, heterossexuais, nativos-residentes.

Todos saindo.

— Evitando a maré, não é mesmo?

Ela diz que sim, de volta ao balcão. Retornou com dois pães de queijo sem eu ter pedido.

— Eu não...

— Por conta da casa! — Remexeu o ombro — Eu ia jogar mesmo... Digo, tem validade de 24 horas... e não aguento mais comer isso. Faço dois por dia e como dois por dia.

Ela enrolou o pano na mão como quem fosse lutar boxe e se sentou perto de mim. Ela se esparramou na verdade. Olhando para a mesma direção que eu.

— E porque você não está lá? Do outro lado?

— Saindo? Não!

— Quando eu andar por esse caminho, não volto mais. — Ela bufou. — E que momento delicado é esse, que cê falou?

— Deixa que eu resolvo esse assunto... — Respondi.

Eu conhecia a estória daquele lugar... me refiro a ilha, obviamente. Devido ao movimento das marés a ilha se fechava em isolamento por oito dias, uma

vez ao ano. Na verdade, acontecia todo mês, mas era uma vez ao ano que a ilha se isolava. Uma espécie de movimento mais severo de placas tectônicas. — Vai saber! — Era um fenômeno natural que, somado às ocorrências das monções, provocava esse isolamento. A chegada da época de chuvas era antecipado por uma queda brusca no horizonte de água salgada. Deixando inclusive, em alguns pontos, bancos de areia visíveis acima da superfície das águas. A navegação para o continente tornava-se intransponível e, de certo modo, muito perigoso. Pesquisei diversas trombas d'água que levaram turistas para o alto mar em questão de segundos.

— O que acontece com os moradores e funcionários que acabam por não deixar a ilha? — Perguntei.

— Os mais antigos ficam na vilinha; bem no meio da ilha e com a baixa temporada eles não se importam. Não teria muito serviço *pra* fazer!

— A vilinha do comércio, não é?!

— Mais ou menos. Os turistas costumam chamar de vilinha somente esse comerciozinho perto das praias. Pra gente, vilinha é onde a gente mora. Mais pro fundo.

— E você mora lá?

— Talvez! Se quiser mais café, é só chamar!

Ela se levantou e voltou para o balcão.

Beberiquei mais um pouco de café, quase frio. Mas tudo bem, vale pela cafeína. Continuei tentando.

— Procuo por algo.

— ...

— Algo *específico*!

— Procurando então!

— É! Qualquer coisa que desperte... como posso dizer: diferente!

— ...

— Você mora aqui, então conhece as pessoas *daqui*.

— Conheço tudo aqui! Cresci aqui. Mas, ao mesmo tempo, sinto que não

conheço ninguém de verdade. Às vezes... — Ela olhou para trás como quem procura por alguém, ou pressentiu uma vigília.

— Pode me servir esse café... antes que seu *empregador* comece a reclamar!

— Meu encarregado já deve estar na balsa numa hora dessas! Sou eu quem vai tomar conta desse lugar; por esses dias. Aliás, onde está hospedado?

— No *Boulevard des Saints*! Conhece?

Ela se aproximou, colocando mais café.

— A única coisa que eu sei é que, quando esse porto abrir daqui a oito dias, não ficarei mais por aqui.

— E como seria isso?

— Estou de partida. E o senhor deveria tomar cuidado também!

— E porquê?

— Porquê pode acabar se atolando nessa lama toda.

Ela se afastou uma vez mais.

Passei a encarar a janela outra vez. A peregrinação diminuiu, deixando os mais lentos para trás. Um casal de idosos, escorados um no outro, caminhava na mesma direção que os demais. Eram brancos e velhos. O senhor usava um boné verde com padrões militares. Ele próprio fora um padrão militar, ex-combatente da segunda guerra mundial. Os boinas-verdes que não sabiam sequer atirar com armas automáticas. Foram treinados nos cargueiros norte-americanos pois não tínhamos embarcações como aquelas. Um batalhão inteiro de pé na popa, com armas novas, recém forjadas nas fábricas do México e do sul do Texas. Treinavam tiro no oceano, acostumando-se com o recuo dos disparos, cuidando para não darem tiros nos próprios pés.

O casal estava discutindo sobre filhos e netos que não os visitam mais. Separando os pertences para cada um dos seus herdeiros. Pouca coisa, mas que tinham valor sentimental como tudo o que restou. “Nosso pequeno Jef não vai gostar da nossa cômoda!” dizia um deles. Afinal, sua esposa não era do tipo que guardava roupas íntimas em pequenos gaveteiros de madeira talhada... “A nossa caixa de joias, podemos deixar com Aninha... *tadinha*” e assim se despediam das

suas coisas antes de entrarem para o leito do hospital juntos pela última vez.

Comigo era assim. As vidas alheias se desenrolavam à minha frente como carretéis de algodão. Brancos na ponta próxima às bordas salientes e amareladas, envelhecidas, enfraquecidas na extremidade tomada pelo tempo.

Quando senti um peso nos ombros. Mãos delicadas, porém firmes ao me expulsar de meus devaneios. Dei um sobressalto na cadeira.

— Me desculpe senhor...

— Me chame de Antonin! — Ajeitei-me de volta à uma posição respeitável. Após breve silêncio.

— Helena! — ela disse.

Assenti.

— Sem saber o que está procurando, *Sr. Antonin*. Não posso te ajudar!



 497 páginas

 Português

 22 Set. 2021

Tagline

A morte é só o começo

Gênero

Thriller psicológico de terror cósmico



PÁGINA WEB DO LIVRO

Antonin Blake é um escritor que deseja superar o sucesso do seu primeiro livro. Ele se isola numa ilha quando os assassinatos de sua obra ganham vida e ameaçam os habitantes daquele paraíso. Em meio às investigações e usando um poder psíquico único, Antonin se coloca no centro dos acontecimentos.

Antonin é conhecido como um transgressor, um artista egocêntrico vítima do próprio poder de reviver os últimos momentos de uma vítima brutalmente assassinada. É com essa hipersensibilidade que Antonin consegue mergulhar em alucinações crescentes que desafiam a lógica, colocando-o à beira da loucura;

Contudo é a sua fonte de inspiração e origem de toda a sua capacidade de criar. Ao desenrolar sua obra, ele deve superar seu mais profundo medo para dar fim às mortes na ilha e entregar a obra-prima do terror psicológico.

Disponível na
 amazon.com.br

Disponível na
 App Store

DISPONÍVEL NO
 Google Play

foto: Marcel Yamauti



LUKE NEGREIROS

Autor independente nascido e criado no interior de São Paulo por quase toda sua vida. Cresceu sob forte influência da ficção científica e daquele terror gostoso de infância (mini)transgressora de quem está aprontando uma bagunça proibida. Quando adulto, cultivou o desejo genuíno em escrever suas próprias histórias! Do seu jeito!





livreto promocional - não representa a obra completa, foi confeccionado para motivos promocionais, proibida a venda, fica vedada a reprodução parcial ou total sem aviso prévio e sem os devidos créditos ao autor

Todos os direitos reservados © 2022